

Relações internacionais

O fraco desempenho das exportações gaúchas até abril de 2006*

Sônia Unikowsky Teruchkin**

Economista da FEE

Introdução

Analisando os dados da balança comercial do Brasil e do RS, de janeiro a abril de 2006, em relação ao mesmo quadrimestre do ano anterior, verifica-se um grande dinamismo das importações, que cresceram 24,6% e 21,2% respectivamente. Nesse mesmo período, o valor das vendas externas brasileiras elevou-se em 16,5%, em razão de acréscimos no volume e nos preços das mercadorias embarcadas, com uma forte contribuição das exportações de derivados de petróleo, por causa do aumento recorde de suas cotações internacionais. Já no Estado, o valor das vendas (US\$ 3.020,1 milhões) ficou praticamente estagnado, pois o incremento de preços foi acompanhado de um decréscimo no volume vendido.

Quando se considera um período mais abrangente, de maio de 2005 a abril de 2006, as exportações gaúchas (US\$ 10.467,5 milhões) apresentaram, em relação aos 12 meses anteriores, um acréscimo de 3,9%, e as brasileiras, de 19,0%. Portanto, seja no quadrimestre, seja em 12 meses até abril de 2006, o Brasil vem denotando uma melhor *performance* exportadora do que o Estado.

Contudo essas taxas de crescimento em dólares devem ser analisadas com certa cautela, pois, com a valorização cambial¹, há uma perda de faturamento dos exportadores em reais. Isso pode ser comprovado quando se verifica que, em cada um dos primeiros quatro meses de 2006, o valor nominal do dólar médio mensal foi inferior ao dos mesmos meses de 2005 (B. Banco

Central Brasil, 2006). E, no período maio/05-abr./06, em relação aos 12 meses anteriores, houve uma valorização da taxa de câmbio real frente ao dólar da ordem de 23%, enquanto, em relação à cesta de 13 moedas, formada pelos principais parceiros comerciais do Brasil, essa valorização foi de 17%, de acordo com dados da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (B. Com. Ext., 2006). Isso implicou uma diminuição de 16,7%² das vendas externas gaúchas, quando se comparam os valores convertidos em reais, nos 12 meses terminados em abril de 2006.

Visando entender por que as exportações gaúchas vêm apresentando uma baixa *performance*, faz-se uma breve análise das exportações do primeiro quadrimestre deste ano por fator agregado e dos últimos 12 meses por principais produtos.

As exportações, por fator agregado, de janeiro a abril

No Brasil, as três categorias de produtos apresentaram valores recordes para o período e taxas positivas de crescimento em relação aos primeiros quatro meses de 2005: os básicos, 23,7%; os semimanufaturados, 5,4%; e os manufaturados, 14,7%.

Já em nível estadual, o ínfimo crescimento (0,5%) dos valores exportados resultou da estabilidade nas vendas de produtos manufaturados, uma vez que os básicos e os semimanufaturados decresceram 1,4% e 2,2% respectivamente, conforme dados da Tabela 1, onde

* Artigo recebido em 18 jul. 2006.

** A autora agradece os comentários e as sugestões das economistas e colegas Beky Moron de Macadar e Teresinha da Silva Bello.
E-mail: sonia@fee.tche.br

¹ Para uma melhor compreensão das repercussões da valorização cambial, ver Bello (2005).

² Essa taxa foi obtida através da conversão dos valores mensais das exportações em dólar pela taxa de compra do câmbio médio mensal.

estão destacados, segundo as categorias, alguns dos produtos mais representativos na pauta exportadora e seus principais destinos.

Nos básicos, o elevado crescimento dos grãos de soja e da carne bovina foi contrabalançado pela redução da carne de frango e do farelo de soja. O substancial crescimento do valor embarcado da soja em grãos (492,8%) até abril de 2006 deveu-se aos acréscimos elevados na quantidade exportada, mas tendo por base a reduzida exportação estadual de soja em grão no mesmo quadrimestre de 2005, em virtude da forte estiagem que afetou a produção à época. Já na receita de fumo em folhas, que inclui os desperdícios, o decréscimo do valor negociado no exterior ocorreu, fundamentalmente, em função da redução de 5,6% na quantidade vendida. Mesmo assim, salientou-se o incremento do valor embarcado para a Bélgica (2.772%), que se tornou o terceiro principal destino dos fumos não manufaturados gaúchos.

A *performance* negativa das carnes de frango refletiu o impacto da redução da demanda externa nos principais mercados, como o Japão e a Arábia Saudita, em função da gripe aviária. Essa epidemia, além de diminuir a exportação, em razão do receio do consumidor em comer frango, ainda teve como consequência uma queda da produção de aves na Europa e na Ásia. Esse fato também contribuiu para a diminuição das vendas gaúchas de farelo de soja em 20,9%, pois esse produto é muito utilizado como ração para aves.

Já o crescimento das exportações gaúchas de carnes suína (5,1%) e bovina (33,3%) deveu-se, em grande parte, ao elevado incremento das vendas para a Rússia. Esse país, apesar de ter imposto um embargo às carnes brasileiras desde fins de 2005, representou, nesse primeiro quadrimestre, 67% e 22% das vendas de carnes suína e bovina gaúchas respectivamente. No que se refere a carne bovina, o RS não foi impedido de exportar e ainda aproveitou o fato de os frigoríficos terem redirecionado parte da produção para o Estado (Restrição..., 2006). E, apesar de a restrição parcial da carne suína ter-se encerrado para o RS apenas em abril (Quintão, 2006), tal situação abre maiores perspectivas de vendas de carnes para o mercado russo.

Nos produtos semimanufaturados, que representaram 11,2% da pauta exportadora gaúcha nos primeiros quatro meses de 2006, o incremento no valor das exportações de couros e peles — onde se destacaram os couros bovinos acabados — e da madeira serrada não foi suficiente para compensar o decréscimo nas vendas externas de outros produtos dessa categoria, como o óleo de soja em bruto e a celulose. A perda de

receita do óleo de soja em bruto de 13,9% só não foi maior devido ao aumento das aquisições chinesas, responsáveis por 79,6% do valor das exportações dessa mercadoria pelo Estado.

Quanto aos produtos manufaturados, seu pífio crescimento (0,1%) na receita das exportações, de janeiro a abril de 2006, deveu-se à redução nas quantidades embarcadas dos principais produtos do grupo da pauta gaúcha. Esse foi o caso, por exemplo, dos calçados, tanto os de couro como os de borracha e plásticos, dos polímeros de etileno e de polipropileno em formas primárias, dos tratores e dos móveis de madeira e suas partes, com destaque, nestes dois últimos produtos, para a redução das vendas para os Estados Unidos.

Apesar da queda acentuada do volume exportado, o segmento calçados, suas partes e componentes fechou o quadrimestre com um faturamento externo negativo de apenas 3,4%, graças ao reajuste de preço obtido pelos exportadores, em especial nos calçados de couro. Para tanto, foram exportados alguns calçados com *design* e marca próprios, dirigidos a um mercado de maior poder aquisitivo, tendo em vista a grande concorrência existente no mercado internacional, em especial a dos chineses, nos calçados mais populares.

Já as máquinas agrícolas para colheita e debulha apresentaram taxas positivas de crescimento no primeiro quadrimestre, em especial pelo acréscimo das vendas para a Argentina (29,2%), com destaque para a aquisição de ceifeiras-debulhadoras. No que diz respeito aos veículos, destacaram-se os aumentos das exportações de: partes e acessórios dos veículos, com o incremento das vendas de autopeças para os Estados Unidos; carrocerias, cujo decréscimo das vendas para o Chile foi compensado pelo aumento nas vendas para a Argentina; e de reboques e semi-reboques. Sobressaiu-se o acréscimo do valor comercializado dos óleos combustíveis (1.823%), tendo em vista o acentuado aumento tanto nas quantidades embarcadas como no preço do óleo diesel.

Deve-se estar atento para o fato de que certos produtos são sazonais e, nesse caso, uma análise quadrimestral pode não refletir como será o comportamento anual de uma mercadoria. Por isso, a seguir, avaliam-se as vendas externas dos principais produtos exportados nos últimos 12 meses.

Tabela 1

Exportações, por fator agregado, segundo categorias e principais produtos, do RS — jan.-abr. 2005-06

CATEGORIAS E PRODUTOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)	VARIAÇÃO % JAN-ABR/06 JAN-ABR/05	PARTICIPAÇÃO %	PRINCIPAIS MERCADOS
Básicos	715 505	-1,44	23,69	
Carne de frango	214 404	-11,20	7,10	Japão, Venezuela, Arábia Saudita, Rússia
Fumo em folhas	189 171	-1,07	6,26	EUA, Alemanha, Bélgica, Rússia
Carne suína	83 260	5,05	2,76	Rússia, Hong Kong, Cingapura, Argentina
Farelo de soja	81 483	-20,91	2,70	Espanha, Austrália, Coreia do Sul, Indonésia
Carne bovina	39 044	33,34	1,29	Rússia, Alemanha, Itália, Espanha
Soja em grão	26 331	492,84	0,87	Bélgica, China, Países Baixos, Noruega
Carne de peru	14 818	20,46	0,49	Alemanha, Rússia, França, Países Baixos
Semimanufaturados	339 405	-2,24	11,24	
Couros e peles (exceto em bruto)	147 521	14,02	4,88	Hong Kong, EUA, Índia, China
Óleo de soja em bruto	63 352	-13,94	2,10	Índia, China, Irã, Marrocos
Celulose	46 854	-1,62	1,55	China, Malásia, Indonésia, Coreia do Sul
Madeiras serradas ou fendidas	12 978	23,54	0,43	EUA, Vietnã, Espanha
Manufaturados	1 899 995	0,06	62,91	
Calçados, suas partes e compo- nentes	429 522	-3,35	14,22	EUA, Reino Unido, Itália, Canadá
Polímeros de etileno, propileno e estireno	195 082	-11,41	6,46	Chile, Argentina, Uruguai, China
Tratores	96 306	-27,31	3,19	Argentina, Venezuela, México, Chile
Máquinas agrícolas para colheita e debulha	91 804	7,21	3,04	Argentina, Venezuela, Paraguai, EUA
Móveis e suas partes	68 950	-2,02	2,28	EUA, Reino Unido, Chile, Espanha
Partes e acessórios dos veículos automóveis	68 659	10,90	2,27	EUA, Argentina, México, África do Sul
Carrocerias para veículos auto- móveis	64 925	7,75	2,15	México, Chile, África do Sul, Argentina
Óleos combustíveis	54 558	1 822,86	1,81	Paraguai, Argentina
Preparações e conservas de car- nes e miudezas	36 935	41,79	1,22	Países Baixos, Alemanha, Reino Unido, EUA
Reboques e semi-reboques	27 748	36,40	0,92	Argentina, Chile, Reino Unido, Angola
Máquinas de processamento de dados e unidade	27 655	28,01	0,92	Argentina, Colômbia, Chile, África do Sul
Condensadores elétricos	24 385	-3,33	0,81	Alemanha, EUA, Hong Kong, Cingapura
Operações especiais	65 197	90,00	2,16	EUA, Argentina, Chile, Rússia, Alemanha
TOTAL	3 020 102	0,46	100,00	EUA, Argentina, China, Chile

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

As exportações no acumulado de 12 meses (maio/05-abr./06)

No período de 12 meses (maio/05-abr./06), destacaram-se, no RS, pelo valor exportado: o fumo em folhas, os calçados de couro natural e as carnes de frango, que, juntos, representaram quase um terço do valor total vendido ao exterior. Contudo, quando se considera o incremento da receita, as taxas mais expressivas foram as dos óleos combustíveis (1.410%), dos polímeros de propileno em formas primárias (54,2%) e das carrocerias (30,9%), conforme a Tabela 2.

As vendas de fumo em folhas e desperdícios (US\$ 1.422,3 milhões) cresceram 14,6% em relação a maio/04-abr./05, estimuladas muito mais por um incremento no preço médio do que na quantidade vendida. China, Bélgica, Alemanha e Estados Unidos absorveram mais da metade do valor exportado. Já as exportações de calçados de couro ficaram estáveis, pois a redução do volume embarcado foi compensada pelo crescimento do preço médio do par.

As carnes de frango, suínas e bovinas apresentaram taxas de crescimento de 13,3%, 21,1% e 47,6%, nessa ordem, em relação aos 12 meses anteriores, apesar dos problemas internacionais, como gripe aviária, redução de consumo de aves, embargos às carnes bovina e suína, e nacionais, como a febre aftosa.

Nos produtos da indústria de plásticos predominaram as exportações de polímeros de etileno em formas primárias (US\$ 452,2 milhões), sobretudo os polietilenos sem carga e os lineares, seguidos dos polímeros de propileno em formas primárias, tendo como principal destino a Argentina.

Quanto aos couros, verificou-se, no período em análise, um incremento do valor exportado, com destaque para os de bovinos. Observou-se, de maio de 2005 a abril de 2006, que, enquanto os couros acabados, mais elaborados e de maior preço médio, aumentaram o preço e a quantidade vendida, o valor exportado dos couros *crust* permaneceu estável e o do *wet blue*, cujo preço é significativamente menor, diminuiu.

Já o complexo soja denotou significativa redução nas vendas externas, sendo de 72,9% para a soja em grão, de 28,22% para o farelo e de 31,62% do óleo em bruto. Essa situação deveu-se, sobretudo, aos problemas climáticos no Estado (seca), que afetaram extraordina-

riamente a produção da soja de 2005; com isso, diminuiu a sua representatividade na pauta gaúcha.

Apenas 11 países absorveram 57% do montante faturado pelo RS no exterior, de maio de 2005 a abril de 2006. Por suas elevadas taxas de crescimento em relação aos 12 meses anteriores, salientaram-se três mercados que adquiriram *commodities* do Estado: a Bélgica (83,6%), com grandes aquisições de fumo em folhas; a Rússia (69,8%), com as compras de carnes (suínas, frango e bovinas) e fumo em folhas; e o Paraguai (37,5%), com o óleo diesel. E, por apresentarem taxas de crescimento negativas, destacaram-se os Estados Unidos (6,3%), com redução das compras de calçados de couro e de fumo em folhas, e a China (16,4%), com significativas quedas nas aquisições de soja em grão e óleo de soja em bruto, bem como de celulose.

Tabela 2

Valor, variação percentual e participação da exportação dos principais produtos no total do RS — maio/05-abr./06

PRINCIPAIS PRODUTOS	VALOR (US\$ 1 000)	VARIAÇÃO % (12 meses)	PARTICIPAÇÃO %
Fumo em folhas	1 422 308	14,58	13,59
Calçados de couro natural	1 145 178	0,09	10,94
Carne de frango	778 133	13,31	7,43
Polímeros de etileno em formas primárias	452 251	6,11	4,32
Tratores	368 207	-1,15	3,52
Couros e peles depilados preparados de bovinos e equinos	291 683	15,71	2,79
Carnes de suínos	280 287	21,13	2,68
Farelo de soja	263 540	-28,22	2,52
Móveis e suas partes	232 202	-1,97	2,22
Partes e acessórios dos veículos automóveis	230 692	16,12	2,20
Carrocerias	222 622	30,87	2,13
Máquinas para colheita e debulha de produtos	193 307	-10,51	1,85
Óleo de soja em bruto	176 509	-31,62	1,69
Óleo combustível	149 655	1 409,85	1,43
Couros e peles curtidos ou <i>crust</i> de bovinos e equinos	138 255	-13,97	1,32
Hidrocarbonetos cíclicos	134 461	-8,24	1,28
Soja em grão	129 669	-72,89	1,24
Polímeros de propileno em formas primárias	119 780	54,20	1,14
Carne bovina	116 878	47,55	1,12
Pasta química de madeira	111 417	-5,74	1,06
Subtotal	6 957 033	1,24	66,46
Outros	3 627 334	10,64	34,65
TOTAL	10 467 490	3,93	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Considerações finais

As exportações gaúchas, tanto no primeiro quadrimestre de 2006 como nos 12 meses encerrados em abril de 2006, apresentaram uma *performance* inferior à do Brasil. Isso deveu-se a vários fatores, cabendo destacar os problemas climáticos, os quais afetaram a produção e as exportações de importantes produtos agroindustriais, como as do complexo soja. Mas, sobretudo, devem-se salientar as características da pauta de exportação gaúcha, com expressiva participação das *commodities* agrícolas, o que a torna muito sensível às flutuações de preços e de quantidades no mercado internacional, e o maior efeito da valorização cambial sobre produtos exportados por indústrias tradicionais, intensivas em mão-de-obra e com pouco uso de insumos

importados, como muitos produtos de cadeias produtivas gaúchas, tais como couro e calçados e madeira e móveis. Essas indústrias, por não utilizarem, com maior intensidade, insumos e matérias-primas importados e por terem o custo dos salários cotados em real, deixam de se beneficiar com a redução de custos possível com apreciação da moeda brasileira.

A persistência do real valorizado e a concorrência dos fabricantes asiáticos, com destaque para os chineses, vêm afetando o desempenho e a rentabilidade de vários produtos do Estado nos mercados internacionais. Para contornar essas dificuldades, algumas firmas passaram a adquirir e, em certos casos, a produzir parte dos componentes no exterior, verificando-se uma maior internacionalização de empresas gaúchas. Pode-se confirmar, também, uma maior concentração das exportações, com a saída de empresas exportadoras do

mercado, em especial as micro e as pequenas, que têm maiores dificuldades em um mercado internacional altamente competitivo, de baixa rentabilidade exportadora e com elevados custos de transação. Essa situação tem exigido dos empresários um esforço significativo, para aumentarem tanto a sua competitividade, via redução de custos, quanto seu mercado, com a exploração de outros nichos ou pela penetração em novos mercados.

Referências

BELLO, Teresinha da Silva. Algumas reflexões sobre a valorização cambial. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 33-38, dez. 2005.

BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília, v. 41, n. 12, dez. 2005. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/ftp/histbole/Bol200512p.pdf> Acesso em: 9 mar. 2006.

BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília, v. 42, n. 6, jun. 2006. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?BOLETIMEST> Acesso em: 10 jul. 2006.

BOLETIM DO COMÉRCIO EXTERIOR. Rio de Janeiro: FUNCEX, ano 10, n. 5, maio 2006.

RESTRIÇÃO não prejudica carne bovina. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-14, 7-9 abr. 2006.

QUINTÃO, Chiara. Embargo russo reduz em 48% os embarques de suínos em março. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-12, 06 abr. 2006.